

# A Batalha de Darwin-Pradera del Ganso

Robert S. Bolia

**O**S OFICIAIS estudam as guerras do passado para se tornarem melhores comandantes. Frequentemente a história militar consiste mais no estudo de fracassos do que de êxitos. As mais interessantes das batalhas foram muito equilibradas, isto é, pelo menos em um determinado momento da ação, qualquer um dos beligerantes poderia ter alcançado a vitória. Em muitas dessas batalhas, o resultado final foi decidido não exatamente pelos acertos do vencedor, mas pelos erros do perdedor.

O caráter rápido e decisivo da vitória da Prússia sobre a França em 1870-1871, por exemplo, deveu-se muito mais à incompetência francesa do que à tática superior alemã. O mesmo pode ser dito sobre as muitas vitórias do General Confederado Robert E. Lee sobre os exércitos da União durante a Guerra Civil Americana ou das vitórias israelenses em 1948, 1956, 1967 e 1973. Na verdade, isso foi a regra e não a exceção.

A Guerra das Malvinas entre a Argentina e a Grã-Bretanha não foi diferente. Embora a invasão das ilhas pelo Exército Argentino tivesse começado muito bem, a maioria das operações posteriores não foram bem-sucedidas. Apesar de as forças britânicas estarem desdobradas a milhares de quilômetros de sua base mais próxima, elas foram capazes de realizar um desembarque anfíbio sem resistência em San Carlos, vencer os primeiros engajamentos no terreno e manter a superioridade aérea durante toda a campanha. Embora os argentinos tivessem obtido alguns êxitos, incluindo o afundamento de pelo menos seis navios britânicos, houve um grande número de baixas de pilotos e aviões da Força Aérea Argentina (FAA) e da Aviação Naval Argentina (ANA).<sup>1</sup>

O mais interessante sobre o conflito das Malvinas é que, baseado na doutrina militar comumente aceita e nas forças disponíveis no teatro de operações, a Argentina

não deveria ter sido derrotada tão facilmente. Sob a ótica estritamente militar, a vitória britânica era inevitável, mas se esperava certa dificuldade para obtê-la. Além disso, tal vitória poderia ter custado um preço maior em vidas humanas do que a população britânica estivesse disposta a pagar, o que levaria o conflito a uma solução negociada. Uma estratégia de atrito, contudo, não pode alcançar o êxito depois de repetidos fracassos táticos e operacionais.

Quase tão interessante como a questão sobre as causas da Argentina ter perdido a guerra é o motivo pelo qual os historiadores britânicos não consideraram o conflito a partir da perspectiva argentina. A argumentação de que os britânicos estavam melhor adestrados ou possuíam tática e doutrina superiores é válida, mas a guerra depende tanto das ações de um adversário quanto das nossas. Entre os inerentes perigos de não considerar as possibilidades de um adversário — mesmo à posteriori — estão a aprendizagem de lições táticas inapropriadas e a vanglória, causadas por um excesso de confiança. Israel, por exemplo, caiu em ambas armadilhas nos anos que antecederam a Guerra de Yom Kippur.<sup>2</sup>

Após o desembarque realizado sem resistência pela 3ª Brigada de Comandos em San Carlos, em 21 de maio de 1982, os britânicos ocuparam posições nas elevações ao redor do assentamento e consolidaram a defesa da cabeça de praia. Apesar de os ataques aéreos terem afundado quatro navios britânicos, o Exército Argentino nada fez para impedir o desembarque anfíbio.<sup>3</sup> A principal razão, entre outras, era a falta de viaturas terrestres com capacidade para atravessar o terreno das ilhas, no qual havia muito poucas estradas. Em segundo lugar, o emprego de helicópteros tornou-se muito perigoso devido à superioridade aérea britânica. Finalmente, realizar uma marcha a pé estava fora de cogitação, pois a concentração

mais próxima de tropas argentinas estava na Pradera del Ganso, a uma distância superior a 20 km.<sup>4</sup> Antes de que os argentinos pudessem chegar até San Carlos, os cinco batalhões britânicos já teriam ocupado suas posições defensivas nas elevações.

O Brigadeiro Julian Thompson, comandante da força de desembarque, ordenou ao Tenente-Coronel Herbert “H” Jones, comandante do 2º Batalhão do Regimento de Pára-quedistas britânicos (2 Para) que planejasse uma incursão contra as posições argentinas em Darwin e Pradera del Ganso. Estas posições, localizadas num istmo estreito entre a Ilha Soledad (East Falkland) e Lafonia, não tinham nenhuma importância estratégica para Thompson, cujo objetivo era a capital Stanley que

***Quase tão interessante como a questão sobre as causas da Argentina ter perdido a guerra é o motivo pelo qual os historiadores britânicos não consideraram o conflito a partir da perspectiva argentina. A argumentação de que os britânicos estavam melhor adestrados ou possuíam tática e doutrina superiores é válida, mas a guerra depende tanto das ações de um adversário quanto das nossas. Entre os inerentes perigos de não considerar as possibilidades de um adversário — mesmo à posteriori — estão a aprendizagem de lições táticas inapropriadas e a vanglória, causadas por um excesso de confiança.***

os argentinos deram o novo nome de Puerto Argentino (ou seja, Porto Argentino). Ainda assim, sua brigada não estaria preparada para avançar para a capital por mais alguns dias, e ele queria empregar o tempo para “estabelecer o domínio moral e físico sobre o inimigo”, como foi ordenado pelo General Jeremy Moore que assumira o comando das forças terrestres quando chegou às Malvinas duas semanas depois.<sup>5</sup> Entretanto, quando ele percebeu que as peças de artilharia que poderiam ser transportadas por helicópteros eram insuficientes, cancelou a incursão. Thompson não estava disposto a arriscar um batalhão desdobrando-o sem o apoio adequado de artilharia em uma ação que não era absolutamente necessária.

O QG combinado do Reino Unido estava mais disposto a se arriscar, dada a sua preocupação com a opinião pública na Grã-Bretanha sobre a condução da guerra, especialmente porque nenhuma vitória havia ocorrido e quatro navios de Sua Majestade já haviam sido afunda-

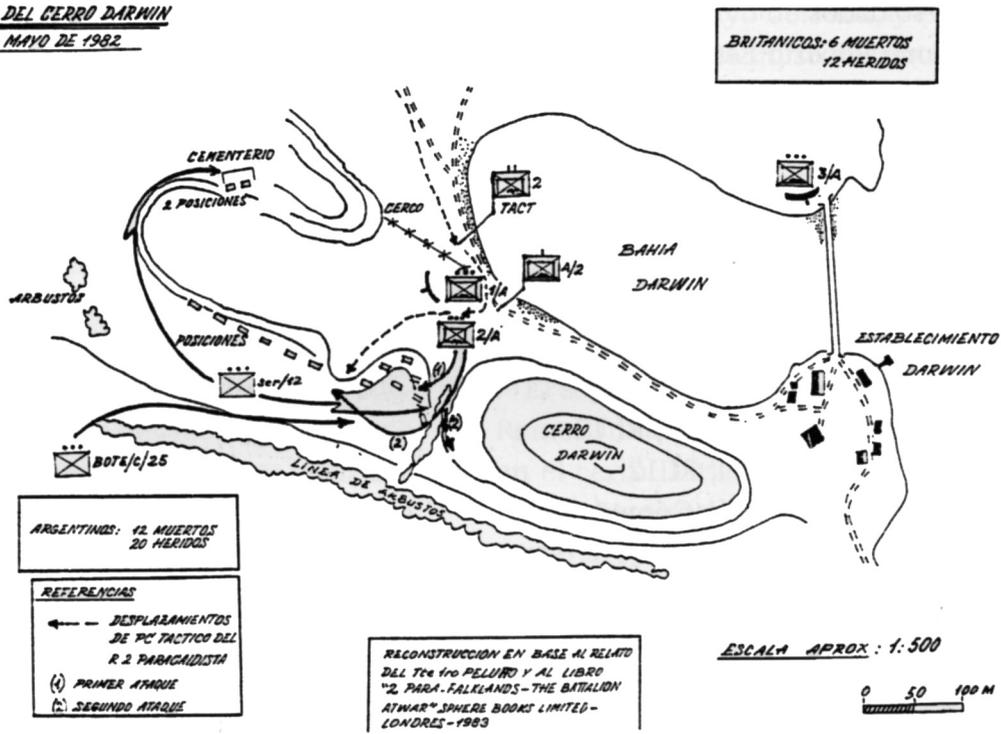
dos. Portanto, Thompson recebeu ordem para desdobrar o 2º Regimento Pára-quedista para conquistar as posições em Darwin e na Pradera del Ganso, sem importar a disponibilidade da artilharia, e obter uma vitória para a população britânica. Enquanto o 2º Regimento Pára-quedista deslocava-se para o leste com destino ao Istmo de Darwin, três batalhões permaneceram em San Carlos para manter suas posições ao redor da cabeça de praia.<sup>6</sup>

Quando Jones planejou o avanço, ele não considerou a máxima de Helmuth Carl von Moltke de que “com toda a certeza, nenhum plano de operações resiste ao primeiro embate contra a força principal inimiga”.<sup>7</sup> Em vez disso, ele planejou uma complexa operação de seis fases que exigiu uma estreita coordenação de tempo e espaço entre suas três companhias de fuzileiros e a companhia de patrulhas. O batalhão marcharia para o sul em direção a Camilla Creek House, situada 8 km ao norte de Darwin, onde reorganizar-se-ia para o combate e descansaria antes de cruzar a linha de partida para o ataque a meio caminho entre Camilla Creek e Darwin. O plano consistia em desdobrar uma companhia nos dois lados do istmo para avançar em direção ao sul. As outras companhias seguiram para apoiá-la e, dependendo da fase, ultrapassá-la-iam e atacariam os seus próprios objetivos. O apoio de artilharia seria lançado de três obuseiros de 105mm, bem como do armamento do navio *HMS Arrow*, o qual estava disponível para prestar apoio de fogo naval até que fosse forçado a se retirar para se proteger durante o dia nas águas relativamente seguras de San Carlos. A maior parte dos combates estava prevista para ocorrer antes do amanhecer.<sup>8</sup>

Para enfrentar o avanço britânico, o Tenente-Coronel Ítalo Piaggi, comandante do 12º Regimento de Infantaria e da guarnição de Pradera del Ganso, contava com uma diversidade de soldados de três regimentos diferentes de infantaria, incluindo duas companhias (A e C) de seu próprio 12º Regimento; uma Companhia C (reduzida) do 25º Regimento e um pelotão da Companhia C do 8º Regimento, os quais somavam um total de 554 homens, entre oficiais e praças, quase igual a um batalhão de infantaria britânico (620 oficiais e praças). A unidade foi denominada de Força-Tarefa Mercedes, em homenagem à cidade onde estava sediado o 12º Regimento em tempo de paz. Além do componente de infantaria, Piaggi também dispunha de três obuseiros de 105mm e algumas peças de artilharia antiaérea. Na Pradera del Ganso também se encontravam 202 integrantes da Força Aérea Argentina sob o comando do Vice-Comodoro Wilson Pedrozo, encarregado da Base Aérea Condor. Os aviões Pucará da Força Aérea Argentina — concebidos para as operações de contra-insurreição — haviam sido transferidos para Stanley, por questão de segurança.<sup>9</sup>

Uma vez que os britânicos tinham controle do espaço aéreo e da zona marítima ao redor das ilhas, um ataque

**COMBATE DEL CERRO DARWIN**  
28 DE MAYO DE 1982



**Referencias:**

- Puente
- Casas
- Altura
- Pozos de zorro p/4 Hombres
- Dirección de ataque
- Itinerario de marcha
- Secciones de Infantería Argentinas +/- 40 Hombres
- Huella / camino secundario

- Sectores de defensa de la Sección Servicios
- Secciones de Paracaidistas Británicos
- Puesto de mando del Jefe del Batallón Británico Tcnl JONES, y lugar donde se ubicaba

Mapa retirado do livro: *Así peleamos Malvinas*

contra a Pradera del Ganso poderia teoricamente ser lançado do norte, por uma rota de marcha diretamente da cabeça de praia de San Carlos; do sul, por meio de um desembarque aerotransportado em Lafonia; ou das praias de qualquer lado do istmo. Sem inteligência sobre as intenções britânicas, Piaggi teve que desdobrar suas tropas para enfrentar uma ameaça de qualquer direção.<sup>10</sup> Como consequência, dividiu suas forças, enviando um destacamento para as pequenas elevações ao norte e oeste

de Darwin e outro destacamento para o sul, mantendo sua reserva na Pradera del Ganso. Nos dias que antecederam o desembarque britânico, as tropas no norte haviam estabelecido suas posições através do istmo, de onde puderam disparar contra as tropas que se aproximavam do norte e se deslocar rapidamente para enfrentar uma operação anfíbia. Os argentinos também lançaram campos de minas e armadilhas à frente das posições preparadas, para dificultar ainda mais o avanço britânico.<sup>11</sup>

Apesar das extensas posições defensivas, Piaggi recebeu, em 26 de maio, uma ordem para abandonar as posições ao norte e adotar uma resposta mais agressiva, antecipando-se a um ataque britânico. Por isso, quando os britânicos estabeleceram contato com a primeira linha da defesa argentina, na manhã de 28 de maio, não encontraram uma unidade entrincheirada com campos minados à sua frente. Os atacantes defrontaram-se com um destacamento em terreno aberto com os campos minados ao longo de sua linha de retraimento. Como era esperado, os conscritos argentinos não ofereceram muita resistência ante o avanço britânico e começaram a se retirar quase que imediatamente.<sup>12</sup>

***O Exército Argentino tinha poucas vantagens naturais no conflito das Malvinas. Suas tropas não tinham nem o adestramento nem o abastecimento que possuíam os britânicos. Tampouco podiam contar com o fogo naval nem com o apoio aéreo aproximado. Apesar dessas desvantagens, as tropas argentinas tinham quatro aspectos que, pelo menos, poderiam ter resultado em alguma vantagem em Darwin e na Pradera del Ganso: igualdade numérica, a oportunidade de empregar o pessoal da Força Aérea Argentina num papel de infantaria, o contra-ataque e o espírito nacional.***

O avanço britânico pelo lado leste do istmo empurrou os argentinos em retirada para suas posições preparadas, onde puderam reagrupar-se e deter o ataque. Enquanto isso, as tropas britânicas no flanco direito (oeste) encontraram uma forte resistência — uma companhia helitransportada chegara de Porto Argentino para reforçar as defesas argentinas. O contra-ataque deteve os britânicos no lado ocidental do istmo. Em uma tentativa para romper o impasse, Jones conduziu um assalto contra uma posição argentina à sua esquerda, mas foi atingido pelo fogo dos fuzileiros de outra trincheira. Embora Jones tenha morrido neste confronto, ele impulsionou os pára-quedistas para invadirem as posições próximas de Darwin. Atingidos no flanco direito por esse ataque e no esquerdo por uma companhia de pára-quedistas, que avançava pela praia, e sofrendo muitas baixas e uma considerável escassez de munição, as forças argentinas se retiraram para a Pradera del Ganso.<sup>13</sup>

À medida que os argentinos se retiravam para o povo-

ado, os britânicos começavam a cercá-los, apossando-se de todas as posições ao redor da Pradera del Ganso ao anoitecer. Quando parecia não haver mais esperança para os soldados da FT de Piaggi, chegaram os reforços da Equipe de Combate Solari, constituída por 132 oficiais e praças, que haviam sido helitransportados de Porto Argentino e desembarcados, ao anoitecer, ao sul da Pradera del Ganso.<sup>14</sup> Estas tropas aumentaram o efetivo das tropas disponíveis para o combate em quase um terço e poderiam ter sido empregadas eficazmente em um contra-ataque.

O Major Chris Keeble, subcomandante do 2º Regimento Pára-quedista, que assumiu o comando do batalhão depois da morte de Jones, decidiu que não havia motivo para prolongar a luta nesse momento. Não tinha o número suficiente de tropas nem munição para um assalto ao povoado, mas sabia que reforços e reabastecimentos estavam a caminho. Os argentinos estavam cercados e finalmente teriam que se render ou morrer lutando. Keeble não queria lutar para conquistar a Pradera del Ganso, pois seus 114 habitantes — detidos na prefeitura durante a batalha — poderiam sofrer as conseqüências dos bombardeios aéreo e de artilharia. Isto foi exatamente o que Keeble propôs num ultimato entregue a Piaggi. Em termos específicos, o ultimato pedia a rendição das tropas sob o comando de Piaggi, e a alternativa desse seria o bombardeamento do povoado. Apesar de a artilharia e o apoio aéreo não terem sido eficazes no combate, três aviões Harrier haviam lançado bombas de dispersão próximo às posições argentinas antes do amanhecer. Piaggi e seus soldados sabiam o que poderia acontecer se fosse efetuado um ataque preciso contra as suas posições. Keeble também salientou que, como já havia informado antecipadamente a Piaggi sobre o bombardeio, os argentinos seriam os responsáveis pelas baixas civis de acordo com os regulamentos estabelecidos nas Convenções de Genebra.<sup>15</sup>

Piaggi decidiu que não havia nenhuma razão para continuar a luta. Explicou os detalhes da situação para o seu comandante combinado no Porto Argentino, o qual autorizou, mas não ordenou a rendição. No final das contas, a decisão coube aos oficiais no povoado, que assim procederam — embora sem unanimidade — para evitar mais um derramamento de sangue.<sup>16</sup> Na manhã de 29 de maio — ironicamente, o Dia Nacional do Exército Argentino — os soldados do Exército e da Força Aérea pertencente à FT Mercedes renderam-se para o 2º Regimento de Pára-quedistas, terminando oficialmente a batalha de Darwin-Pradera del Ganso.<sup>17</sup>

## **A Argentina deveria ter vencido?**

O Exército Argentino tinha poucas vantagens naturais no conflito das Malvinas. Suas tropas não tinham nem o adestramento nem o abastecimento que possuíam os



Biblioteca Soldados

*Mesmo durante o dia, a situação já era confusa, devido à falta de ordens. Porto Argentino, 14 de junho.*

britânicos. Tampouco podiam contar com o fogo naval nem com o apoio aéreo aproximado. Apesar dessas desvantagens, as tropas argentinas tinham quatro aspectos que, pelo menos, poderiam ter resultado em alguma vantagem em Darwin e na Pradera del Ganso: igualdade numérica, a oportunidade de empregar o pessoal da Força Aérea Argentina num papel de infantaria, o contra-ataque e o espírito nacional.

**A igualdade numérica.** Em princípios do século XIX, o teórico militar prussiano Carl von Clausewitz escreveu que “a defesa é a forma mais forte de travar a guerra”.<sup>18</sup> A doutrina militar moderna quantificou esta declaração ao recomendar que, no ataque a posições preparadas, a relação entre atacantes e defensores deve ser de 3 para 1. Embora poucas vezes se consiga essa proporção, ela sugere a magnitude da vantagem que tinham as tropas defensoras. Em Darwin-Pradera del Ganso, o 2º Regimento de Pára-quedistas não chegava nem perto dessa proporção de forças. De fato, o número de combatentes de ambos os lados era quase igual. Foi o mesmo caso com a artilharia e as metralhadoras, bem como o apoio aéreo aproximado, embora a falta desse apoio pelos britânicos fosse devida principalmente às péssimas condições meteorológicas. Os argentinos poderiam ter feito mais para aproveitarem a vantagem natural de estarem em uma posição defensiva. Talvez seu maior fracasso

neste respeito tenha sido a mudança de suas posições preparadas para outras mais avançadas nos dias que antecederam a batalha.

**O emprego da Força Aérea como soldados de infantaria.** Outra maneira que os argentinos poderiam ter explorado uma vantagem defensiva teria sido empregar as tropas da Força Aérea Argentina como infantaria, uma opção que ao parecer nunca consideraram. Apesar de não ter sido adestrado como tropas de combate, o grupo de mais de 200 soldados da Força Aérea Argentina na Pradera del Ganso, sem dúvida poderia ter sido empregado para reforçar as posições defensivas no norte, especialmente à medida que não tinham outra missão específica. Essa opção poderia ter dado aos argentinos uma vantagem potencialmente decisiva contra os seus adversários britânicos no local do ataque.<sup>19</sup> Em vez de receberem a oportunidade de demonstrar seu valor como combatentes, os soldados da Força Aérea Argentina foram deixados na Pradera del Ganso para proteger o aeroporto, uma posição que abandonaram quando os britânicos se aproximaram, deixando uma brecha na linha argentina que permitiu a penetração de elementos da Companhia D do 2º Regimento de Pára-quedistas naquela tarde. A retirada dos soldados da Força Aérea Argentina foi realizada sem o conhecimento ou a autorização de Piaggi.<sup>20</sup>

**O contra-ataque.** A chegada dos reforços na noite de



Biblioteca Soldados

*Contra a silhueta do monte Duas Irmãs, pode-se observar a tristeza das tropas argentinas durante o último avanço britânico.*

28 de maio proporcionou mais uma opção que poderia ter mudado o resultado da batalha — um contra-ataque. Embora a maioria das tropas argentinas não estivesse em condições para continuar a luta, as tropas de reforço que chegaram de Porto Argentino na tarde da batalha certamente estavam. Além disso, embora os britânicos contassem com a vantagem do ímpeto, os pára-quedistas estavam cansados, molhados, com frio e com muito pouca munição. Em relação a essas condições Keeble disse: “Se os argentinos tivessem nos contra-atacados ao amanhecer, nos teriam jogado para fora do campo de batalha porque eles tinham maior número de armas e nós estávamos completamente desorganizados.”

**O espírito nacional.** Finalmente os argentinos tinham a seu favor o que Clausewitz chamou de *Volkgeist* ou o espírito nacional.<sup>22</sup> Para eles, a recaptura das Malvinas era uma questão de honra nacional. As ilhas haviam sido reivindicadas pela Argentina desde a sua independência da Espanha em 1820. Os integrantes do Exército, Marinha e Força Aérea Argentina que lá estiveram em 1982 haviam crescido com a idéia de que, algum dia, recuperariam as ilhas ocupadas pela Grã-Bretanha (considerada como uma usurpadora colonial) desde 1833. Para os argentinos, as Malvinas são parte da Nação e por isso vale a pena lutar por ela, apesar de sua carência de valor econômico ou estratégico. Infelizmente, o *Volkgeist* não foi suficiente para vencer.

## Por que a Argentina perdeu?

Keeble, o oficial para quem os argentinos se renderam na Pradera del Ganso, escreveu: “Acredito que os argentinos perderam a guerra ao invés de os britânicos

a vencerem. Aliás, suspeito que a maioria dos conflitos são resolvidos assim.”<sup>23</sup> Embora essa declaração mostre humildade, proporciona, ao mesmo tempo, uma nova percepção sobre a natureza fundamental do combate. Sem considerar se os britânicos combateram bem ou mal, o combate foi uma derrota argentina. É importante destacar que não se pode determinar nenhum fator que por si só levou a derrota.

A falta de inteligência era um fator principal. Embora Piaggi e o comando combinado no Porto Argentino suspeitassem que fosse iminente um ataque britânico contra as posições em Darwin e na Pradera del Ganso, não sabiam quando nem de onde viria. Não sabiam se os britânicos planejavam uma incursão, como proposto originalmente por Thompson ou um ataque de grande escala para capturar as posições. Eles tampouco sabiam qual efetivo que seria empregado.

Em termos operacionais, a falta de inteligência resultou de uma frente demasiadamente ampla. Como Piaggi não sabia por onde seria atacado, teve que desdobrar suas forças para ambos os lados do istmo e ainda assim ser capaz de cobrir as praias caso houvesse um ataque anfíbio, situação esta que o deixou com um número insuficiente de tropas em cada posição.<sup>24</sup> Se os argentinos tivessem tido melhor inteligência sobre a composição e os movimentos das tropas britânicas, poderiam ter desdobrado a maioria da força-tarefa nas posições ao norte do istmo para enfrentar o ataque do 2º Regimento Pára-quedista. Tudo indica que esse emprego das tropas teria dificultado muito mais o ataque britânico. Uma melhor inteligência no final do conflito teria provido

a Piaggi um conhecimento situacional mais completo, o qual lhe permitiria considerar a possibilidade de um contra-ataque.

Tanto quanto a escassez de inteligência para apoiar uma tomada de decisão eficaz, o nível onde ela se processava também era uma deficiência. Por exemplo, a ordem para as tropas que defendiam o setor norte do istmo abandonarem suas posições preparadas e se transladarem para o norte não veio de Piaggi, mas sim do comando combinado no Porto Argentino, o qual tomou a decisão sobre a situação tática baseado apenas nas comunicações de rádio na Pradera del Ganso. Isto fez com que as tropas argentinas de primeiro escalão estivessem expostas quando os britânicos atacaram, tendo que passar por um campo minado para efetuar uma retirada.

A intervenção dos comandantes superiores não é exclusiva do Exército Argentino. O avanço britânico contra Darwin-Pradera del Ganso foi antecipado por ordem de um dos comandantes no QG, os quais queriam controlar os eventos a centenas de quilômetros de distância. Vale destacar que a ocorrência do problema não é o mais importante, mas sim o fato de que tornou-se possível pelas comunicações estabelecidas em tempo real entre Porto Argentino e Pradera del Ganso. A idéia de que a proliferação desses meios de comunicações poderia tentar futuros comandantes a exercerem o controle nos níveis inapropriados foi discutida em várias oportunidades.<sup>25</sup>

Possivelmente, a aparente necessidade de impor ordens táticas às tropas em Darwin e Pradera del Ganso era causada pela falta de comando no terreno. Embora Piaggi fosse o comandante da Força-Tarefa Mercedes, composta por elementos do 8º, 12º e 25º Regimentos de Infantaria desdobrados no istmo, o Vice-Comodoro Pedrozo, da Força Aérea Argentina, era o oficial de maior hierarquia na Pradera del Ganso. Muitas vezes Piaggi pediu um esclarecimento à sua cadeia de comando no Porto Argentino, mas não recebeu resposta. Mesmo sendo um oficial aviador, sem habilitação para o emprego tático de tropas terrestres, Pedrozo não hesitou em se envolver na condução do combate. Em determinada ocasião, Piaggi ficou tão frustrado com essa intervenção que disse “Faça-me o favor de se mandar daqui.”<sup>26</sup> Um de seus principais desacordos teve a ver com a rendição: Piaggi e Pedrozo tinham opiniões diferentes sobre como deviam proceder e, nesse caso, suas ações chegaram a ser um assunto não apenas da autoridade, mas também de responsabilidade.<sup>27</sup>

A liderança de Piaggi em Darwin-Pradera del Ganso também foi questionada. Especificamente, José Eduardo Costa destacou que, enquanto o comandante e todos os comandantes de companhia do 2º Regimento Pára-que-dista britânico lideravam suas tropas na linha de frente,

Piaggi e seu estado-maior argentino permaneceram à retaguarda no posto de comando na Pradera del Ganso durante a batalha. Ao perceber que o oficial argentino de maior hierarquia na linha de frente era um 1º tenente, Costa escreve: “A experiência de um comandante argentino nas linhas de frente poderia ter sido essencial para a condução tática do combate.”<sup>28</sup>

O aspecto mais interessante deste debate — a idéia de que os britânicos alcançavam o êxito porque seus oficiais lideraram suas tropas na linha de frente — é que um dos principais historiadores britânicos especializado neste conflito, Spencer Fitz-Gibbon, dedicou um livro inteiro a um argumento completamente oposto.<sup>29</sup> Fitz-Gibbon insiste que não foi o planejamento detalhado de Jones ou sua micro-administração que promoveu o êxito britânico. Em vez disso, destaca que a batalha só melhorou para os britânicos depois da morte de Jones, quando Keeble deu liberdade a seus comandantes subordinados para cumprirem suas missões como achassem melhor.

Outro problema da crítica de Costa é que ele não levou em consideração a distribuição geográfica das tropas de Piaggi nem a escassez de rádios. Do seu posto de comando na Pradera del Ganso, Piaggi podia comunicar-se por meio de mensageiros com suas tropas ao norte e ao sul, e por rádio com o comando combinado no Porto Argentino, ao qual constantemente solicitou apoio aéreo aproximado e munição.<sup>30</sup> Em circunstâncias normais, Piaggi teria se movimentado para a frente junto com um ou dois sargentos para controlar o combate naquele local, enquanto o subcomandante da FT teria permanecido no posto de comando para manter a comunicação com o Porto Argentino. No entanto, a disponibilidade de um só rádio — confiscado de um dos habitantes local — não permitiu esse tipo de organização.<sup>31</sup>

Nenhum desses argumentos é conclusivo. Em primeiro lugar, o conceito de *Auftragstaktik* (missão pela finalidade) exige que os comandantes e seus subalternos compartilhem um modelo mental desenvolvido por meio de um adestramento e experiência comuns. Mas Piaggi acabava de chegar para comandar o 12º Regimento e não havia treinado seus oficiais subalternos para pensarem da mesma forma que ele. Além disso, a metade dos oficiais presentes em Darwin e Pradera del Ganso provinha do 8º e do 25º Regimentos e estava ainda menos familiarizada com Piaggi em seu papel de comandante.

Por outro lado, o aparecimento do comandante na linha de frente, uma vez que havia determinado a direção do avanço britânico, poderia ter ajudado a inibir o retraimento. A presença do comandante nas trincheiras poderia haver constituído um exemplo para os soldados e eventualmente mudado o resultado do combate. Contudo, isso é apenas especulação, especialmente se considerarmos

que a maioria das tropas sob o seu comando não estava familiarizada com Piaggi.

Os oficiais subalternos argentinos também sofreram críticas, embora infundadas, por não lutarem ao lado dos seus soldados. Pelo menos em Darwin e na Pradera del Ganso a maioria, senão a totalidade, dos oficiais subalternos estava lado a lado com seus soldados nas trincheiras. De fato, o 1º Tenente Roberto Estévez morreu heroicamente em combate enquanto defendia sua posição em Darwin Hill e o 2º Tenente Guillermo Aliaga e o 2º Tenente Ernesto Peluffo foram seriamente feridos no combate.<sup>32</sup> Em geral, os oficiais

***A vitória britânica em Darwin-Pradera del Ganso não foi inevitável e nem deveu-se exclusivamente a uma inerente superioridade tecnológica ou de liderança. Ao contrário, foi causada por uma combinação de fatores pelo lado argentino, desde os múltiplos maus funcionamentos organizacionais até a inabilidade de suprir adequadamente as tropas nas trincheiras.***

encarregados dos pelotões, das seções ou das companhias lutaram valentemente no istmo de Darwin.

As praças combateram bem, até certo ponto. Mas, apesar do nível de *Volksgelit* que possuíam, não puderam superar a falta de adestramento adequado. Os soldados do Exército Argentino eram exclusivamente conscritos que foram incorporados para cumprir um ano de serviço militar obrigatório antes de voltarem para trabalhar no setor privado. Os oficiais e os sargentos eram os únicos profissionais no Exército.

Havia vários problemas com esse tipo de sistema. Primeiro, o período de adestramento era muito curto. Segundo, os soldados convocados para servir tinham sido adestrados há muito tempo ou tinham muito pouco treinamento, como era o caso da maioria dos conscritos recém incorporados. O 12º Regimento havia sido treinado apenas por três meses antes do seu deslocamento para as Malvinas. Em terceiro lugar, o corpo de oficiais foi afetado durante o seu adestramento porque tinha de adestrar os novos recrutas em vez de desenvolver suas capacidades táticas ou técnicas.<sup>33</sup>

As tropas argentinas tiveram ainda outros problemas não relacionados ao adestramento, tais como as condições climáticas e meteorológicas. Enquanto os pára-quedistas adestraram-se previamente em climas frios, os soldados do 12º Regimento eram

oriundos de um clima subtropical e não estavam acostumados ao frio. Além disso, como foram uma das últimas unidades a serem desdobradas nas Malvinas, não tinham provisões e roupas suficientes para o inverno, o que tornou as tarefas próprias do soldado no terreno difíceis de suportar, especialmente em uma região caracterizada pelo frio e pela chuva durante os meses de abril e maio.<sup>34</sup>

Além de estarem molhadas, as tropas tinham fome. As provisões eram inadequadas e as esperanças de reabastecimento eram poucas. As distâncias entre as companhias desdobradas e a falta de viaturas dificultaram a entrega de alimentos e água às tropas. O mesmo problema surgiu com a munição. As seções de morteiros haviam esgotado suas granadas no início do combate. Todavia, este não foi um problema só para as seções de morteiros. Às 09:30 horas, as tropas de primeiro escalão do setor norte informaram haver esgotado 60% de sua munição. Algumas seções foram forçadas a se retirarem só porque não contavam com mais munição, mesmo depois de coletar as munições das baixas sofridas.<sup>35</sup>

A principal e a mais deplorável causa da escassez de suprimento foi simplesmente o fato de a maioria do material (inclusive rádios, peças de artilharia, morteiros, metralhadoras pesadas, viaturas de combate, bem como a munição) pertencente ao 12º Regimento nunca haver saído da Argentina. O Regimento recebeu tardiamente a ordem para se deslocar para as Malvinas, a fim de reforçar as posições de defesa contra a FT britânica que já se movimentava para o sul. A prioridade era transportar inicialmente os homens; o equipamento seguiria posteriormente. Infelizmente para o Regimento, quando todo equipamento e suprimento estavam prontos para serem entregues nas Malvinas, o bloqueio britânico das ilhas já era suficientemente eficaz e as autoridades argentinas consideraram ser muito arriscado enviá-los. Os soldados simplesmente lutaram com o que estava disponível.

A vitória britânica em Darwin-Pradera del Ganso não foi inevitável e nem deveu-se exclusivamente a uma inerente superioridade tecnológica ou de liderança. Ao contrário, foi causada por uma combinação de fatores pelo lado argentino, desde os múltiplos maus funcionamentos organizacionais até a inabilidade de suprir adequadamente as tropas nas trincheiras. Apesar das vantagens inerentes de um dispositivo defensivo e de uma superioridade numérica em geral, assim como a vontade de vencer, os argentinos não puderam superar os numerosos desafios logísticos e organizacionais que tinham criado para derrotar um batalhão britânico melhor organizado. O fato de que a vitória argentina pudesse ter sido possível é, talvez, a lição mais importante da Guerra das Malvinas. **MR**

Referências

1. HASTINGS Max e JENKINS Simon/ *The Battle for the Falklands* (London: Pan Books, 1997), e MIDDLEBROOK Martin. *The Falklands War, 1982* (London: Penguin, 2001), apresenta boas análises da guerra em inglês. O livro mais abrangente em espanhol é provavelmente de José Eduardo Costa, *Guerra Bajo la Cruz del Sur* [War under the Southern Cross] (Buenos Aires: Hyspamerica, 1988).
2. Ignorar a perspectiva do adversário não é uma perspectiva singular a Israel e ao Reino Unido. Os relatos históricos sobre a Guerra do Golfo Pérsico são unilaterais. A operação foi uma vitória fácil, embora a chamada guerra das 100 horas pudesse ter sido mais cruenta para os EUA. A história prevê muitos exemplos de exércitos que continuam a lutar em situações impossíveis (por exemplo, o 6º Exército Alemão em Estalingrado).
3. Os melhores relatos da operação de desembarque anfíbio são de CLAPP Michael e SOUTHBY-TAILYOUR, Ewen. *Amphibious Assault Falklands: The Battle of San Carlos Water* (London: Orion, 1996), e THOMPSON, Julian, *No Picnic* (London: Cassell and Co., 2000). Clapp era o comandante do Grupo de Tarefa Anfíbio e Thompson era o comandante das Forças Terrestres quando ocorreram os desembarques. O melhor relato britânico sobre os ataques aéreos é de WOODWARD, Sandy e ROBINSON, Patrick, *One Hundred Days: The Memoirs of the Falklands Battle Group Commander* (Annapolis: Naval Institute Press, 1997), apesar do fato que Woodward não estava presente em San Carlos. Os relatos argentinos sobre a ação aérea podem ser encontrados em MORO, Rubén O., *La Guerra Inaudita: Historia del Conflicto del Atlántico Sur* (Buenos Aires: Editorial Pleamar, 1986); e ANDRADA, Benigno Hector, *Guerra Aérea en las Malvinas* (Buenos Aires: Emecé Editores, 1983).
4. "Informe Oficial del Ejército Argentino. Conflicto Malvinas" (Buenos Aires: Instituto Geográfico Militar, 1983), Il, anexo 15. Um pequeno destacamento de uns 60 soldados, liderado pelo 1º Tenente Carlos Esteban, encontrava-se em Fanning Head, próximo a San Carlos, mas foi atacado por fogo naval e pelas forças especiais à medida que começaram os desembarques, motivo pelo qual não pode retardar a operação anfíbia. Os sobreviventes e feridos escaparam para o Porto Argentino. Alguns participaram mais tarde no combate de Darwin-Pradera del Ganso. Ver AGUILAR, Felix Roberto; CERVO, Francisco; MACHINANDIARENA, Francisco Eduardo; DALTON, Martín Antonio e Eugenio Alfredo, *Operaciones Terrestres en las Islas Malvinas* (Buenos Aires: Circulo Militar, 1985), pp. 135-39.
5. THOMPSON, pp. 66-68.
6. *Ibid.*, pp. 70-72.
7. MOLTKE, Helmuth Carl Von, *Moltke on the Art of War: Selected Writings*, traduzido por Daniel J. Hughes e Harry Bell (Novato, CA: Presidio Press, 1993), p. 45. O emprego excessivo do planejamento detalhado e o erro de não empregar o Auftragstaktik é o tema da obra de FITZ-GIBBON, Spencer: *Not Mentioned in Despatches: The History and Mythology of the Battle of Goose Green* (Cambridge: The Lutterworth Press, 1995).
8. O plano é descrito detalhadamente em três livros, cada um com uma perspectiva singular: FITZ-GIBBON, Spencer, pp. 11-22; ADKIN, Mark: *Goose Green: A Battle is Fought to Be Won* (London: Cassell and Co., 1992), pp. 145-68; e WILSEY, John e H JONES VC: *The Life and Death of an Unusual Hero* (London: Arrow Books, 2002), pp. 256-63.
9. *Informe Oficial*, vol. I, p. 78; COSTA, p. 349; ADKIN, pp. 28, 366-67. O número de efetivos nas unidades de ambos os lados inclui os elementos de comando e apoio que não participaram ativamente em combate. O número de tropas de combate engajados na linha de frente era provavelmente não mais de 300 a 350 em cada lado.
10. Os comandantes argentinos preocupavam-se com a capacidade britânica de executar operações na retaguarda argentina devido à sua vantagem de apoio de helicópteros. Parece até que eles não perceberam que o ataque ao *Atlantic Conveyor* em 25 de maio resultou na perda da metade da força de helicópteros britânica, incluindo quatro de cinco helicópteros Chinook, os únicos com a capacidade para o rápido movimento de tropas e de armas pesadas.
11. COSTA, pp.346-47.
12. *Ibid.*, p. 347.
13. *Informe Oficial*, pp. 84-87; MORO, pp. 392-96 e pp. 399-401; WILSEY, pp. 269-83.
14. MIDDLEBROOK, pp. 271-72; TÚROLO Carlos M., editor, *Así Lucharon* (Buenos Aires: Editorial Sudamerica, 1983), pp. 267-68.
15. ADKIN, pp. 351-52; Max Arthur, ed., *Above All, Courage: Personal Stories from the Falklands War* (London: Cassell and Co., 2002), pp. 192-93.
16. Italo Piaggi descreve os pontos de vista dos oficiais que estavam presentes para o debate sobre o *El Combate de Goose Green* (Buenos Aires: Editorial Planeta, 1993), pp. 92-93.
17. ADKIN, pp. 357-59.
18. CLAUSEWITZ, Carl von. *Vom Kriege* (Berlin: Ullstein, 2002), p. 372.
19. Veja MIDDLEBROOK, pp. 299-300. Embora seja conveniente destacar a falta de emprego das tropas da Força Aérea Argentina em Darwin-Goose Green, essa ocorrência foi realmente parte de um maior erro como o emprego eficaz de pessoal. Por exemplo, o 5º Regimento e quase todo o 8º Regimento, menos um pelotão, permaneceram em dois lugares na West Falkland durante a guerra. Essa ilha com pouca população nunca foi invadida pelos britânicos. Se esses dois regimentos estivessem desdobrados na Pradera del Ganso ou em San Carlos — os eventos poderiam ter sido diferentes.
20. PIAGGI, E-mail para o autor, 28 fev 2004.
21. BILTON, Michael e KOSMINSKY, Peter. *Speaking Out: Untold Stories from the Falklands War* (London: André Deutsch, 1989), p. 149.
22. CLAUSEWITZ, p. 168.
23. FITZ-GIBBON, p. 184.
24. AGUILAR, CERVO, MACHINANDIARENA, ANTONIO e DALTON, pp. 150-51.
25. BOLIA, Robert S., VIDULICH, Michael A. NELSON, W. Todd e COOK Malcolm J. "A History Lesson on the Use of Technology to Support Military Decision Making and Command and Control," em *Human Factors of Complex Decision Making*. COOK, Malcolm J., editor (Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, a ser publicado).
26. PIAGGI, "Hazme el favor de retirarte" *El Combate de Goose Green*, p. 81.
27. Existem inúmeras referências no *El Combate de Goose Green* de Piaggi sobre o fracasso do comando combinado para resolver a relação de comando na Pradera del Ganso.
28. Costa também não reconhece que os primeiros tenentes encarregados das companhias A e C eram na realidade os oficiais subalternos de mais alto posto na península. Em um e-mail enviado para o autor em 1º de março de 2004, Piaggi frisou que os capitães do 12º Regimento haviam sido evacuados para o continente devido a alguma doença ou designados para outras funções em Porto Argentino.
29. A vantagem da Auftragstaktik é um dos temas centrais no livro de Fitz-Gibbon.
30. MIDDLEBROOK.
31. PIAGGI, E-mail para o autor em 1º de março de 2004.
32. PIAGGI, capítulo 5; AGUILAR, CERVO, MACHINANDIARENA, ANTONIO, e DALTON, p. 165.
33. Piaggi indicou que os conscritos da turma de 1963 haviam recebido apenas 45 dias de instrução e que 45% deles eram analfabetos. Para um debate sobre o exército de conscritos nas guerras Árabe-Israelenses veja John Laffin, *Arab Armies of the Middle East Wars, 1948-73* (London: Osprey Publishing, 1982), p. 6.
34. O frio e a umidade são temas que permeiam todos os escritos de Piaggi. Seu 12º Regimento era oriundo da província de Corrientes ao norte da Argentina. A FT original dos britânicos era composta exclusivamente de tropas que haviam treinado intensamente em ambientes de clima muito frio. Enquanto ambos os batalhões de pára-quedistas haviam estado na Irlanda do Norte ou na Alemanha, as três unidades de Comandos do Corpo Real de Fuzileiros Navais haviam sido adestradas na Noruega como parte de sua missão com a OTAN.
35. *Ibid.*

Robert S. Bolia trabalha na Collaborative Interfaces Branch do Laboratório de Pesquisa da Força Aérea dos EUA na Base Aérea Wright-Patterson em Ohio. Possui os títulos de Bacharel pela Wright State University e o de Mestre pela American Military University. Seus artigos "Israel e a Guerra de Atrito" e "As Operações Conjuntas na Guerra das Malvinas: Uma Análise do Desastre de Bluff Cove" foram publicados da Edição Brasileira de Military Review, respectivamente, no 3º Trim de 2004 e em Mar-Abr de 2005.